



Encontros da Etnomatemática com uma aula da Pós-Graduação

Ethnomathematics encounters with a Postgraduate class

Saulo Macedo de Oliveira¹

Universidade Estadual de Montes Claros

Angelica Aparecida Pacheco²

Universidade Estadual de Montes Claros

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um relato acerca de uma aula ministrada por mestrandos, evidenciando o encontro da Etnomatemática e da prática do jogo Mancala, com pesquisadores em formação. Para tanto, a metodologia está pautada em observações, discussões e reflexões geradas por meio da aula, e da prática realizada em sala. Ministramos uma aula simulada com 32 estudantes, apresentando a Etnomatemática e, o momento de prática, utilizando o Mancala. Os principais resultados revelam que o jogo oportuniza o desenvolvimento de diferentes habilidades cognitivas, em especial, a contagem, sequências numéricas, simetrias, raciocínio lógico e operações básicas. Concluímos que a experiência de proporcionar uma aula dinâmica e contextualizada nos permitiu vivenciar um momento de troca de conhecimentos, contribuindo para o nosso processo formativo, evidenciando a importância de diferentes estratégias metodológicas no ensino da Matemática e não apenas priorizando o ensino formalizado.

Palavras-chave: Educação Matemática; Etnomatemática; Mancala; Relato de Experiência.

ABSTRACT

The aim of this paper is to present a report on a class taught by master's students, highlighting the meeting of Ethnomathematics and the practice of the Mancala game with researchers in training. To this end, the methodology is based on observations, discussions and reflections generated through the class and the practice carried out in the classroom. We gave a simulated lesson to 32 students, introducing Ethnomathematics and then practicing using Mancala. The main results show that the game provides opportunities to develop different cognitive skills, especially counting, numerical sequences, symmetry, logical reasoning and basic operations. We conclude that the experience of providing a dynamic and contextualized lesson allowed us to experience a moment of knowledge exchange, contributing to our formative process, highlighting the importance of different methodological strategies in the teaching of mathematics and not just prioritizing formalized teaching.

Keywords: Mathematics Education; Ethnomathematics; Mancala; Experience Report.

¹ Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Montes Claros. Licenciado em Matemática pela Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Professor Rui Braga, s/n, Vila Mauriceia, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil, 39401-089. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0002-8183-149X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3110715527396686>. E-mail: saulo.oliveira@edu.unimontes.br.

² Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Montes Claros. Licenciada em Matemática pela Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Professor Rui Braga, s/n, Vila Mauriceia, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil, 39401-089. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0005-3165-9144>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5598855500009665>. E-mail: angelicaaparecidapacheco@gmail.com.

INICIANDO A DISCUSSÃO

As práticas conservadoras frequentemente observadas no ensino da Matemática, podem ser compreendidas a partir das experiências vividas pelos próprios profissionais da educação enquanto estudantes, formados em um sistema pautado pela padronização e por modelos tradicionais de ensino³, como apontado por Oliveira (2024). A formação docente ainda é permeada por conteúdos e metodologias alicerçados em concepções clássicas da Matemática, o que contribui para a reprodução de abordagens pouco sensíveis às questões sociais e culturais.

Para Brandão Diógenes e Santos Ferreira (2020), no ambiente escolar e acadêmico, é comum que docentes não associem a Matemática a discussões relacionadas a preconceitos raciais ou a transformações de ordem sócio-histórica, ignorando, portanto, o potencial dessa disciplina em contribuir para a construção de uma sociedade mais equitativa.

Essa ausência de posicionamento crítico no ensino da Matemática, pode ser vista como um reflexo da reprodução de práticas pedagógicas que desconsideram as múltiplas dimensões — política, social e cultural — presentes no conhecimento matemático. D’Ambrósio (2011, p. 25) concebe o professor como aquele que “professa ou ensina uma ciência, uma arte, uma técnica, uma disciplina”, propondo uma reflexão sobre os desafios enfrentados no exercício da docência.

Nesse contexto, torna-se fundamental reconhecer que a educação não se constitui de forma isolada da sociedade. Seguindo a perspectiva crítica proposta por Freire (1995), é necessário construir alternativas metodológicas que permitam uma relação dialógica entre educadores e educandos, favorecendo a produção coletiva de saberes.

Consoante Almeida e Antunes (2020), a abordagem da Etnomatemática surge como uma estratégia pedagógica que responde a essa necessidade, ao propor a valorização de conhecimentos historicamente marginalizados, e o diálogo entre diferentes culturas e formas de pensar a Matemática.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo apresentar um relato acerca de uma aula ministrada por mestrandos, evidenciando o encontro da Etnomatemática e da prática do jogo Mancala, com pesquisadores em formação.

³ Elucidamos o entendimento de Oliveira e Lopes (2023, p. 2), no qual, para os autores, no ensino tradicional de Matemática “o professor privilegia a aula expositiva tornando assim o estudante um memorizador de conteúdos, impossibilitado de agir e pensar criticamente”.

METODOLOGIA

O relato de experiência configura-se como uma forma escrita de compartilhar vivências, contribuindo para a produção de conhecimento. Nesse contexto, destaca-se a importância de refletir sobre o saber construído a partir da experiência. Oliveira, Almeida e Brandão (2025) enfatizam que essa modalidade de escrita representa uma forma legítima de produção de conhecimento, ao abordar experiências acadêmicas e/ou profissionais, inseridas em um dos pilares da formação universitária – ensino, pesquisa ou extensão.

Sendo assim, é sapiente promover aulas de Matemática diversificadas que vão além da simples transmissão de conhecimentos numéricos e de fórmulas, característica do modelo tradicional de ensino, no qual o estudante assume um papel passivo como *receptor* de informações, enquanto o professor atua como mero *transmissor* do saber.

A adoção de abordagens fundamentadas em uma tendência da Educação Matemática – como a Etnomatemática, neste trabalho – contribui não apenas para tornar os processos de ensino e de aprendizagem mais dinâmicos, interativos e eficazes, mas, também, para o desenvolvimento de habilidades e do pensamento crítico por parte dos estudantes.

Sendo assim, a experiência relatada neste artigo foi concretizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Montes Claros, na disciplina intitulada Trabalho e Estágio de Docência: Teoria e Prática. Quanto aos instrumentos de coleta de dados para a escrita deste relato, foram utilizadas as observações, discussões e reflexões geradas por meio da aula, e da prática realizada em sala.

UM OLHAR SOBRE A ETNOMATEMÁTICA

Cada indivíduo possui, em sua trajetória, experiências e vivências que estabelecem alguma relação com a Matemática e ela se constitui como uma manifestação cultural e, por isso, é essencial reconhecer a presença das diversas culturas em sua construção e expressão, como evidenciado por D'Ambrosio (2008).

Assim como Diogenes e Almeida (2023), consideramos que as práticas de aprendizagem em Matemática não se limitam à mera transmissão de um conjunto de conhecimentos formais pela escola, uma vez que tais saberes estão em constante

ressignificação. De acordo Fantinato (2004, p. 92), “a etnomatemática estuda os processos de produção do conhecimento matemático, ou seja, investiga não apenas os saberes de um dado grupo cultural como suas formas de construção”.

Para Oliveira (2024, p. 48), “uma das lacunas no nosso sistema educacional brasileiro é a falta de representatividade das diferentes culturas na educação como um todo, e, portanto, na matemática”. A ausência de representatividade cultural no contexto educacional, reflete um currículo escolar que ainda não contempla, de forma adequada, a diversidade cultural existente na sociedade.

Reconhece-se a existência de diversas *matemáticas*⁴, cujas raízes estão inseridas em distintos contextos socioculturais. No cotidiano, é possível identificar expressões como a *matemática do pedreiro*, a *matemática do agricultor* ou a *matemática do marceneiro*, evidenciando que há saberes e práticas *matemáticas* que extrapolam os limites da sala de aula.

As *matemáticas* presentes nos grupos e comunidades, emergem de suas culturas e, muitas vezes, são transmitidas oralmente de geração em geração, garantindo sua continuidade. Tais saberes e fazeres interculturais, oriundos de diferentes contextos, são reconhecidos no campo educacional por meio do conceito de Etnomatemática.

No tocante a relação da Etnomatemática com a Educação Matemática, D’Ambrosio (2008, p. 8) revela que “a relação entre Educação Matemática e etnomatemática se dá naturalmente, pois etnomatemática é uma forma de se preparar jovens e adultos para um sentido de cidadania crítica, para viver em sociedade e ao mesmo tempo desenvolver sua criatividade”.

Ainda segundo o pesquisador, ao incorporar a Etnomatemática em sua prática pedagógica, o educador contribui para o alcance dos principais objetivos da Educação Matemática, ao considerar e valorizar a diversidade de contextos culturais e os distintos sistemas de produção de conhecimento matemático.

Na abordagem metodológica dessa tendência, destaca-se como elemento central a capacidade de observar e analisar as práticas de diferentes comunidades e populações, não se restringindo necessariamente a grupos indígenas, quilombolas ou periféricos, como esclarecido por D’Ambrosio (2008).

⁴ Neste trabalho utilizaremos o termo *matemáticas*, que, na Etnomatemática é usado para se referir aos diversos sistemas e práticas da Matemática que são específicas de diferentes culturas, conforme aponta Oliveira (2024).

Trata-se de um método que envolve a observação atenta das práticas culturais de distintos grupos sociais, seguida da análise crítica sobre o que é feito e os motivos que sustentam essas ações, valorizando os saberes matemáticos contextualizados em realidades socioculturais específicas.

Sua proposta é que o conhecimento matemático tradicional não seja ensinado de forma isolada, mas articulado às práticas culturais e sociais dos estudantes. Essa integração não apenas enriquece o processo de aprendizagem, como também contribui para tornar a Matemática mais relevante, contextualizada e acessível aos estudantes, segundo Fonseca e Almeida (2025).

Portanto, a Etnomatemática busca preservar os conhecimentos matemáticos utilizados em diferentes contextos socioculturais, valorizando as múltiplas formas de apreensão e aplicação desses saberes em práticas cotidianas de agricultores, crianças, donas de casa, mecânicos, bordadeiras, entre outros. Como já mencionado, seu principal objetivo é reconhecer e preservar a diversidade das *matemáticas* presentes nas diferentes culturas, respeitando suas idiossincrasias e formas próprias de produzir conhecimento.

O MANCALA

Para Oliveira (2024), o jogo Mancala é um dos jogos de tabuleiro mais antigos da história, conhecido como o *pai dos jogos*, com registros arqueológicos que remontam a aproximadamente 3.000 anos a.C.. Vestígios de tabuleiros escavados em pedra foram encontrados no Vale do Nilo, particularmente em regiões do Egito e do Sudão, o que sugere que o jogo teve suas primeiras manifestações no continente africano.

O termo Mancala deriva da palavra árabe *naqala* (نقالة), que significa *move, transferir*, remetendo diretamente à principal mecânica do jogo – o movimento sequencial de sementes ou pedras entre cavidades dispostas em um tabuleiro. A sua estrutura envolve duas fileiras de *cavidades* (ou *casas*) e dois compartimentos maiores denominados *armazéns*, situados nas extremidades do tabuleiro⁵.

Segundo Brandão Diógenes e Santos Ferreira (2020), mais do que um simples passatempo, o Mancala tem funções sociais, culturais e educativas. Tradicionalmente, é

⁵ Não é o nosso intento apresentar neste relato o passo a passo de como se joga o Mancala, para isso, sugerimos a leitura de Brandão Diógenes e Santos Ferreira (2020, p. 376-377) e Oliveira (2024, p. 56).

praticado em ambientes comunitários e familiares, servindo como instrumento de socialização, transmissão de conhecimentos intergeracionais e fortalecimento da identidade cultural. Em culturas africanas, por exemplo, o jogo é associado a rituais de passagem e é considerado uma atividade formativa para o desenvolvimento do raciocínio lógico das crianças.

No tocante a Matemática articulada ao Mancala, Lima *et al.* (2023, p. 57) aduzem que “muitos pesquisadores têm ressaltado sua essência como um método antigo de operações matemáticas”, quais sejam, adição e subtração. Ainda revelam que ele “apresenta uma diversidade de regras, sendo uma atividade lúdica, rica em conhecimentos matemáticos e que engloba o trabalho de concentração e de movimentações precisamente calculadas”.

Para Santos (2008, p. 14) o Mancala “é um jogo em que não há sorte envolvida. Somente raciocínio lógico e matemático”. Também favorece o processo inclusivo, visto que pode ser utilizado no trabalho com estudantes cegos, integrando-os também nesse universo matemático devido sua facilidade para adaptações.

RELATO E RESULTADOS

O público-alvo da aula realizada foram 32 estudantes, entre mestrandos e doutorandos dos cursos *stricto sensu* em Educação e Ciências da Saúde. De maneira a caracterizá-los e apresentá-los, nessa aula estiveram presentes quilombolas, surdos, profissionais de diferentes áreas como, assistentes sociais, pedagogos, matemáticos, historiadores, médicos, fisioterapeutas, psicólogos, enfermeiros, além de dois pesquisadores da Colômbia que cursaram a disciplina devido um intercâmbio da Pós-Graduação.

Por contemplar uma pluralidade de pessoas, com diferentes formações acadêmicas, experiências profissionais e níveis de familiaridade com os temas e prática abordados, adotamos uma metodologia dialógica, buscando ser acessível e com construção coletiva do conhecimento. A heterogeneidade do grupo também enriqueceu as discussões, permitindo múltiplos olhares e contribuições interdisciplinares durante a realização das atividades propostas.

A experiência foi realizada em uma aula da disciplina de Estágio Docente: Teoria e Prática do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Montes Claros, no dia nove de outubro de 2024, com duração de 2h/a. No primeiro momento, foi conduzida uma explanação da definição de Etnomatemática, destacando quem cunhou essa

tendência da Educação Matemática. Subsequentemente, apresentamos o contexto histórico e suas possíveis aplicações.

Posteriormente, destacamos as contribuições da Etnomatemática para a Educação, tais como, a relevância cultural e o fato de que ela desperta o interesse dos estudantes nas aulas, estimulando o pensamento crítico e a resolução de problemas de diferentes níveis. Enfatizamos ainda como essa tendência pode ser adotada como prática de ensino, apresentando alguns exemplos do cotidiano, tais como a visita à um canteiro de obras, às feiras livres e mercados municipais. Para o momento da prática, foi apresentado o jogo Mancala, sua origem e regras para jogá-lo.

Durante a explanação do conteúdo e da aplicação do jogo, os estudantes apresentaram dúvidas, questionamentos e curiosidades sobre o assunto. Discutiremos a seguir algumas dessas indagações, quais sejam: *A Etnomatemática é uma forma de fazer Matemática ou uma forma de estudar práticas culturais com elementos matemáticos? O que a valorização de jogos como o Mancala pode revelar sobre os saberes matemáticos? Quais habilidades matemáticas (como contagem, estratégia, raciocínio lógico) o Mancala pode potencializar? A inclusão de elementos da Etnomatemática no currículo pode contribuir para a redução das desigualdades educacionais? O conhecimento matemático cultural é equivalente ao conhecimento acadêmico? A Etnomatemática pode ser uma ferramenta decolonial no ensino da Matemática?*

Diante desses questionamentos, ressaltamos que a Etnomatemática pode ser compreendida como uma tendência que transita entre os saberes e fazeres matemáticos culturais, legitimando as *matemáticas* presentes nos diferentes ambientes, como por exemplo, quilombolas, africanos e comunidades ribeirinhas.

Conforme defende Oliveira (2024), a utilização de jogos no contexto escolar propicia nos estudantes o desenvolvimento de diferentes habilidades cognitivas, e por meio da valorização de jogos oriundos de culturas, como o Mancala, nos mostram que os saberes matemáticos não são exclusivos do ambiente escolar ou acadêmico, mas emergem de práticas culturais vividas, transmitidas oralmente e socialmente contextualizadas. Esse jogo pode potencializar habilidades matemáticas, incluindo a contagem, sequências numéricas, simetria, a antecipação de jogadas, o raciocínio lógico e estratégico.

Com efeito, a inclusão da Etnomatemática no currículo tem o potencial de contribuir para a redução das desigualdades educacionais, pois ela promove a valorização dos saberes e fazeres matemáticos de diferentes grupos culturais, principalmente daqueles historicamente excluídos ou subalternizados no sistema educacional. Dessa forma, diferentes práticas culturais tem o potencial de tornar a aprendizagem dos conteúdos mais interdisciplinar, contextualizada e acessível, visando promover uma educação mais equitativa e inclusiva.

Embora o conhecimento matemático acadêmico seja historicamente legitimado por instituições científicas ocidentais, sendo que até nos tempos hodiernos utilizamos no currículo brasileiro a Matemática eurocêntrica, como apontado por Oliveira (2024), os saberes culturais têm sido marginalizados ou considerados *inferiores*. A Etnomatemática vêm em contraponto propor uma ruptura hierárquica, por meio do reconhecimento de que tais saberes também possuem rigor, coerência e aplicabilidade, embora se expressem em formas diferentes da Matemática formalizada.

Essa tendência apresenta-se como uma alternativa decolonial no ensino da Matemática, pois desafia a monocultura do saber matemático eurocêntrico, promovendo o reconhecimento da diversidade epistêmica. Ao legitimar conhecimentos produzidos por diferentes grupos culturais, ela questiona as estruturas coloniais que sustentam a exclusão de saberes não ocidentais, contribuindo para a construção de um currículo mais equitativo, para a formação de estudantes conscientes e críticos de seu pertencimento cultural.

Para a finalização da aula, após a realização do jogo, os pesquisadores apresentaram alguns *feedbacks* sobre o conteúdo discutido.

"O Mancala mostra como é possível aprender e aplicar Matemática fora do modelo escolar tradicional, com base em práticas culturais"; "Vejo o Mancala como uma ferramenta para desenvolver o raciocínio lógico e contagem"; "É um recurso que pode ser usado com crianças, adolescentes e até adultos"; "Trabalhar com esse jogo pode tornar o ensino da Matemática mais acessível e contextualizado, especialmente, por exemplo, no contexto dessa aula, com uma diversidade de pessoas".

A implementação dos jogos articulados à Etnomatemática, oportuniza profícuos resultados, como salientado pelos participantes, favorecendo uma abordagem dinâmica e contextualizada. Consoante D'Ambrosio (1990), trabalhar com jogos há vantagens, pois, os

estudantes se sentem mais motivados a participarem das atividades, resultando em um aprendizado mais prazeroso e eficaz.

Diante dessas falas, é possível concluir que a prática do Mancala, em diálogo com a Matemática, apresenta-se como uma estratégia pedagógica possível, capaz de romper com os métodos de ensino tradicional, ao valorizar saberes socioculturais de forma dinâmica e contextualizada. Sua aplicação, quando bem mediada, oportuniza a aprendizagem em diferentes faixas etárias e níveis formativos, tornando o conhecimento matemático mais acessível e conectado à diversidade dos estudantes.

EM SUMA...

Neste trabalho, nosso objetivo se desdobrou em apresentar um relato acerca de uma aula ministrada por mestrandos, evidenciando o encontro da Etnomatemática e da prática do jogo Mancala, com pesquisadores em formação.

Essa experiência nos permitiu vivenciar um momento de troca de conhecimentos entre diferentes grupos, contribuindo para a nosso processo formativo, evidenciando a importância de diferentes estratégias metodológicas no ensino da Matemática, não priorizando apenas o ensino tradicional. Os jogos, quando pedagogicamente bem selecionados, podem alcançar resultados satisfatórios na construção do conhecimento.

Com efeito, inferimos que o jogo Mancala mobilizou conhecimentos nos participantes, quais sejam, a contagem, planejamento, raciocínio lógico, sequência numérica, simetria e operações básicas – adição e subtração. Além disso, cabe enfatizar que esse jogo promoveu a interação social e contribuiu para o desenvolvimento de habilidades de comunicação.

Acrescenta-se, ainda, a importância do pensamento crítico, pelo fato de que os jogadores precisavam avaliar de forma constante a sua situação no jogo, visando adotar a melhor estratégia, levando em consideração os movimentos que o oponente poderia adotar nas partidas subsequentes.

Portanto, acreditamos que os professores ao *sulearem*⁶ suas práticas por meio de jogos como o Mancala, e da Etnomatemática, adaptando para diferentes níveis de escolaridade,

⁶ Destarte Oliveira, Almeida e Brandão (2025, p. 9, grifos dos autores), “o termo *sulear* vai de encontro à ideologia do termo *nortear*, sendo o norte: acima, superior; e o sul: abaixo, inferior, dando visibilidade ao sul como uma forma de contrapor a lógica eurocêntrica dominante, na qual o norte é dado como referência mundial”.

contribuirá para a mobilização de habilidades que vão além dos saberes técnicos do componente curricular, promovendo a construção do conhecimento, não se restringindo apenas aos conteúdos matemáticos historicamente formalizados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. P. N. de C. e; ANTUNES, F. M. Educação do Campo e Etnomatemática: uma articulação possível?. **Educação Matemática Debate**, Montes Claros, v. 4, n. 10, p. 1–23, 2020.

BRANDÃO DIOGENES, A. L.; SANTOS FERREIRA, G. O jogo Mancala como estratégia pedagógica Etnomatemática: relato de uma experiência numa turma de 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual “Professor Elídio Duque no município de Salinas-MG. **Em Tempo de Histórias**, v. 1, n. 36, p. 370-382, 2020.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática**: Arte ou Técnica de explicar e conhecer. São Paulo: Ática, 1990.

D'AMBRÓSIO, U. O programa Etnomatemático: uma síntese. **Acta Scientiae**, v. 10, n. 1, p. 7-16. 2008.

D'AMBRÓSIO, U. **Educação para uma sociedade em transição**. Natal: EDUFRN, 2011.

DIOGENES, A. L. B.; ALMEIDA, S. P. N. de C. e. Encontros com a Etnomatemática em uma Escola Quilombola. **Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**, Brasília, v. 13, n. 1, p. 1–17, 2023.

FANTINATO, M. C. de C. B. Contribuições da Etnomatemática na Educação de Jovens e Adultos: algumas reflexões iniciais. **Caderno Dá Licença**, v. 5, n. 6, p. 85-95, 2004.

FONSECA, A. A.; ALMEIDA, S. P. N. de C. e. **O Saber Matemático na Oficina Mecânica: um Enfoque Etnomatemático**. In: Anais do X Encontro Mineiro de Educação Matemática. Montes Claros: Unimontes, 2025. p. 1-12.

FREIRE, P. **Política e Educação**. Rio de Janeiro: Cortez, 1995.

LIMA, P. V. P. de.; SOUSA, L. A. R. de; SANTOS, H. R. dos.; MOREIRA, G. E. O jogo africano mancala no desenvolvimento de habilidades matemáticas de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. **Ensino da Matemática em Debate**, v. 10, n. 3, p. 47–76, 2023.

OLIVEIRA, S. M. de. A Gincana Matemática como metodologia de ensino e aprendizagem: um Relato de Experiência à luz das teorias da Aprendizagem Significativa e Experiencial. **Revista Multidisciplinar do Vale do Jequitinhonha - ReviVale**, v. 3, n. 2, p. 1–15, 2023.

OLIVEIRA, S. M. de. Interseções culturais na Educação Matemática: vivência de uma exposição da Etnomatemática em uma escola. **Revista Interdisciplinar em Educação e Territorialidade – RIET**, v. 4, n. 2, p. 47–64, 2024.

OLIVEIRA, S. M. de. Os Jogos matemáticos na Educação Básica: um mapeamento de pesquisas. **Ensino & Pesquisa**, União da Vitória, v. 22, n. 2, p. 783-797, 2024.

OLIVEIRA, S. M. de; ALMEIDA, S. P. N. de C. e; BRANDÃO, V. B. G. Estágio de Docência no Ensino Superior: reflexões em um curso de pós-graduação. **Cenas Educacionais**, v. 8, p. e23035, 2025.

OLIVEIRA, S. M. de; LOPES, R. O Júri Simulado como metodologia ativa no curso de Licenciatura em Matemática. **Educação Matemática Debate**, Montes Claros, v. 7, n. 13, p. 1–17, 2023.

SANTOS, C. J. **Africanidades no ensino de matemática**: um estudo de caso da família Mancala. São Paulo: UTP, 2008.

HISTÓRICO

Submetido: 25 de abril de 2025.

Aprovado: 02 de junho de 2025.

Publicado: 11 de junho de 2025.